

REVISTA

BULUNGA

Julho de 2022 - número 7

INCRÍVEL!
IMPENSÁVEL!
IMPROVÁVEL!
NESTE NÚMERO
ENTREVISTAMOS UM

POLÍTICO HONESTO

Editorial

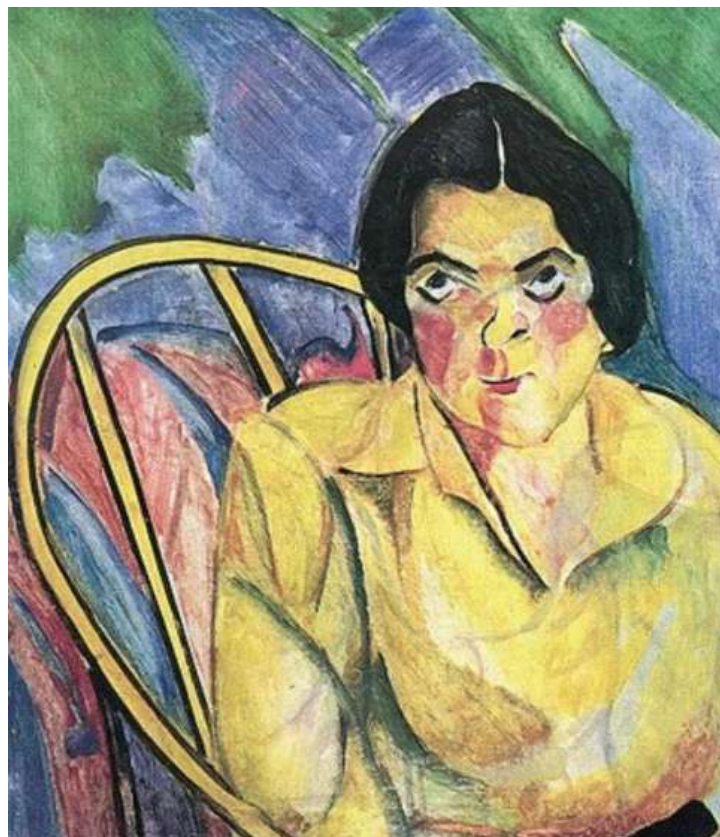
Estamos passando da metade do ano 2022 e o vírus Covid-19 ainda não foi embora. Parece que nunca mais irá, mas já estão tentando emplacar o Vírus dos Macacos, que ainda não decolou, apesar das expectativas, e assim teremos que ficar usando máscaras e tomando vacinas pelo resto de nossas vidas, até que inventem outra pandemia, outra guerra, terremoto, tsunami, queda de meteoro, invasão de alienígenas, qualquer coisa que sirva para o jornalismo vender sua publicidade mórbida, para que as pessoas tenham temor e se arrependam dos seus pecados, ao menos por algumas horas, para que padres, pastores e demais líderes religiosos façam as suas pregações escatológicas, para que os esotéricos estudem suas composições cósmicas, para que algum cantor lance um sucesso do tipo "We Are de Word", para que as pessoas se solidarizem e o mundo se reconstrua, e assim, pouco tempo depois, todos retomem os mesmos erros, as mesmas mesquinhas, os mesmos crimes e mais um ciclo se complete neste planeta de contrastes, onde sempre haverá o opressor e o oprimido, o rico e o pobre, o "polícia" e o bandido, independente das fantasiosas promessas de igualdade improdutiva que ameaçam dominar o planeta.

No Brasil, teremos as eleições que irão definir o futuro da nação, com amplas opções de escolha entre um falastrão apelidado "genocida" ou um ilusionista com uma extensa ficha criminal, que não é julgado sabe-se lá por quê.

Dá para perceber que os prognósticos não são bons, assim como não é boa a situação do mundo em geral, com o iminência de uma forte recessão nos EUA e na Europa, isso sem contar a possibilidade de uma guerra nuclear desencadeada pela Rússia.

Apesar de tudo, pode ser que essa bagunça beneficie o Brasil, que poderá retroceder aos períodos do Descobrimento, deixando de lado a ordem e o progresso para se voltar para a produção agrícola, que é a sua maior vocação, retornando às trocas de bugigangas, por alimentos "in natura", sem a utilização de moedas e sem depender de uma política internacional.

E viva a utopia, que é o que nos resta!



Há cem anos acontecia a semana de arte moderna de 1922. Os artistas da época buscavam romper com o formalismo e o rebuscamento do parnasianismo, ainda presente nas artes e na literatura. A Primeira Grande Guerra havia terminado e o mundo só pensava em reconstrução. O Brasil completava 100 anos de sua independência, e os artistas queriam mostrar sua identidade, rompendo com o antigo, com o movimento liderado por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia e Di Cavalcanti, contando ainda com a participação de nomes como Manoel Bandeira, Victor Brecheret, Heitor Villa Lobos, entre outros, mas que teve como predecessora Anita Malfatti (imagem), que apresentou, cinco anos antes, uma exposição de pinturas de artistas da vanguarda europeia, que rompiam com aquela coisa "certinha", com as quais todos estavam acostumados.

A crítica de Monteiro Lobato, no famoso texto "Paranoia ou Mistificação" só serviu para alavancar o Movimento, intitulado "Modernista", e a mostra, que ocorreu em São Paulo entre 13 e 18 de fevereiro daquele ano, no Teatro Municipal, causou furor, com muitas vaias e protestos da crítica conservadora, mas a proposta vingou.

Fico pensando como será em 2122. Pelas tendências atuais, haverá uma evolução das dancinhas do Tik-Tok, e o Movimento acontecerá na "live", mas não terá espaço para pinturas, esculturas ou literatura, pois tudo será considerado ofensivo à Nova Ordem Mundial que terá dominado o planeta. As músicas produzidas não terão melodias: apenas batidas em caixotes, além de sons produzidos pela boca. As performances terão sexo explícito, com destaque para a zoofilia, sendo permitidos sacrifícios humanos, coprofagia e coreografias da Anitta.

BULUNGA ENTREVISTA

UM POLÍTICO HONESTO



Por razões óbvias, não podemos identificar o nosso entrevistado, nem dizer a qual partido pertence, pois os seus próprios correligionários tratariam de eliminá-lo sumariamente. Só podemos dizer que ele nunca aceitou propinas para desenvolver, aprovar ou reprovar projetos (o que conseguiu fazer foi com uma ajuda sobrenatural), não se associou ao crime organizado e nem precisou se vender para os patrocinadores de suas campanhas: ele chegou ao seu segundo mandato quase que por acaso, por distração de seus partidários e opositores. É um caso raro, isolado, e este parlamentar transita pelos corredores dos Poderes da República como se fosse invisível. Para falar com ele, na Capital Federal, tivemos que procurar um lugar discreto, usamos disfarces e trocamos de carros por três vezes depois de dar muitas voltas pela cidade, até chegarmos ao local. O nosso político precisou fazer uma varredura, para verificar se não haviam filmadoras e escutas, pois sabe que a sua vida, e também a nossa, estaria em sério risco.

BULUNGA – É um prazer podermos realizar essa entrevista com um personagem tão raro como um unicórnio vesgo... um POLÍTICO HONESTO!

POLÍTICO – também não é assim... existem outros como eu... são muito poucos, mas existem.

BULUNGA – você é de direita, esquerda ou centro?

POLÍTICO – Fica difícil dizer... discordo de vários aspectos da direita, sou radicalmente contra a ideologia da esquerda e desprezo as táticas oportunistas do centro.

BULUNGA – Então é de direita...

POLÍTICO – Se direita é sinônimo de capitalismo, não sou de direita. O capitalismo errou severamente em vários aspectos, praticamente destruindo a África e a Índia, além de lesar seriamente vários países da América Latina, tendo sido, inclusive, o responsável pelo surgimento e ascensão do socialismo. Porém, os pontos positivos do capitalismo são a livre iniciativa e a liberdade de expressão, enquanto o socialismo não possui pontos positivos, pois se baseia em mentiras. É impossível o progresso sem esses dois aspectos pre-

sentes no capitalismo, pois essa "igualdade" propagada pelo socialismo produz o nivelamento por baixo, quando ninguém aceitará se esforçar em uma sociedade que não premia o esforço extraordinário.

BULUNGA – Tem razão...

POLÍTICO – O problema é que, diante de uma falsa propaganda de distribuição igualitária de rendas do socialismo, as pessoas abrem mão da própria liberdade, sendo que a livre iniciativa não combina com o controle estatal. Como o fracasso que não demora a transparecer, surge a necessidade de se escravizar a população.

BULUNGA – E parece que tem muita gente querendo virar escravo...

POLÍTICO – Não adianta falar para essas pessoas. Estão seduzidas com as propostas de ociosidade remunerada, de sexo livre, de drogas liberadas...

BULUNGA – Que nem a fábula de La Fontaine, "A Cigarra e a Formiga"...

POLÍTICO – Exatamente! O socialismo oferece uma falsa propaganda de liberdade e felicidade, assim co-

mo fazia uma antiga marca de calça jeans, US TOP, que dizia que “liberdade é uma calça velha, azul e desbotada”... Foi a “moda” do Movimento Hippie, que lançou no mundo milhões de vagabundos que apenas queriam curtir os prazeres da vida. Essa é a proposta antiquada do socialismo, que na prática não funciona. Quem irá produzir? Quem irá manter essa imensa sociedade faminta? Eles não pensam nisso, e assim, quando chega o “inverno”, percebem que precisam “endurecer”, e institucionalizam as cotas de ração e o trabalho escravo, como aconteceu na China e na Coréia do Norte, por exemplo. Ou decretam a miséria geral, como em Cuba, na Venezuela e agora na Argentina e no Chile.

BULUNGA – Mas esse seu discurso é uma típica fala da direita...

POLÍTICO – Eu poderia enumerar milhares de falhas da direita, ou melhor, do capitalismo, mas os erros da esquerda são muito gritantes.

BULUNGA - Você acha que o Brasil tem jeito?

POLÍTICO - Sem querer ser pessimista, acho que não. A tendência mundial é o agravamento dessa crise, que irá culminar em uma grande guerra. Haverá milhões de mortes e o mundo terá que se reconstruir por igual. Não existe essa história de "celeiro do mundo". Poderia até ser, se não fosse essas influências que o país recebe, principalmente da esquerda, que é contrária ao progresso.

BULUNGA – Qual é a mais corrupta: a direita, a esquerda ou o centro?

POLÍTICO – O ser humano. O ser humano se corrompe desde o nascimento, quando exige uma contraprestação para poder parar de chorar. E vai se corrompendo ao longo dos anos, em troca de mimos e presentes. É a natureza humana.

BULUNGA – Mas você se diz um político honesto...

POLÍTICO – Quem disse isso foi você. Eu apenas não aceito “agrados” que não fazem parte de meus vencimentos. Mas quem continua vivendo nesse sistema corrupto sem qualquer reação, acaba se tornando um deles, por convivência.

BULUNGA – E não seria o seu caso?

POLÍTICO – Não necessariamente...

BULUNGA - Como não? Difícil entender...

POLÍTICO – Difícil, mas não impossível. Precisamos de heróis.

BULUNGA – Como assim?

POLÍTICO – Veja esses artefatos que estão amarrados em volta da minha cintura (abre o paletó e mostra para o outro).

BULUNGA – Estou vendo...

POLÍTICO – São explosivos de altíssima potência. Estamos em um lugar estratégico e neste momento, não longe daqui, está acontecendo uma reunião com as mais altas autoridades parlamentares e representantes de outros Poderes, e isso que tenho na cintura é suficiente para destruir tudo o que existe num raio de 5 quilômetros.

BULUNGA – Você não está querendo dizer que...

POLÍTICO – Por quê não?

BULUNGA – Não faça isso: não aperte esse botão...

(A entrevista é interrompida por uma fortíssima explosão)



A MULHER DO

por Jorge F. Isah

Havia uma agitação incomum em frente ao número 171. Muitas pessoas se aglomeravam no portão, e algumas, mais atrevidas, invadiram o jardim e outras, definitivamente corajosas ou inconscientes do perigo, estavam na soleira da porta. Carros de emissoras de t.v., rádio, e até youtubers disputavam espaço entre o asfalto e a grama rala da entrada. Um helicóptero pairava sobre a residência, distante o suficiente para não atingir a rede e os postes de alta tensão ou os telhados vizinhos. No fim do quarteirão, uma viatura da polícia estacionara, e dois guardas observavam o movimento, enquanto outros dois veículos da polícia civil bloqueavam a frente da casa. J.B. acordou com o barulho das hélices cortando o ar, em voo rasante. Depois, o vozerio. Ao fundo, outros sons. Aquilo não era comum para um domingo. Às vezes, somente quando havia fugas na prisão mais próxima ou um defunto concorrido se instalava, em definitivo, no cemitério a algumas quadras, se ouvia a aeronave. Esfregou os olhos e se perguntou: o que está acontecendo? Por que este reboiço logo pela manhã?

Calçou os chinelos e foi até a janela. A primeira ideia foi a da morte da mulher. Refletiu melhor, e somente em caso de sequestro ou assassinato a imprensa e a polícia se interessariam. Ela não era alguém de interesse, a despertar a atenção, nem mesmo na vizinhança. Todos a achavam apenas rabugenta e malcriada. E quase todos mantinham uma distância considerável e segura. A sua família era a única a travar algum relacionamento com ela. Então, algo realmente grave sucedera.

Tirou o pijama, colocou uma bermuda, camiseta e tênis, e saiu à rua. Aproximou-se de um vizinho, sr. Nestor, e lhe perguntou:

- O que foi?

O octogenário olhou-o surpreso.

- Filho, é você?... – Segundos depois, concluiu – Não faço a mínima ideia... Não estou entendendo nada disto...

O jovem deu mais uns passos e viu uma mulher de cabelos armados, salto plataforma amarelo, calça bege e blusa ocre, com um celular na mão. Ela filmava ao redor, lenta, girando sobre o próprio eixo. Logo, terminou. Ele a abordou.

- Bom dia! – Ela se virou com a expressão de quem acabara de ser ofendida ou xingada. Não disse nada. Ele prosseguiu:

- Pode me dizer o que está acontecendo?

- Você mora aqui? Conhece a mulher dessa casa?

- Sim...

- Então, me diga como ela é má e perversa... Já atacou você? – E ligou a câmera do celular, na sua direção.



- Claro que não... Ela é apenas uma mulher solitária, mas não é uma pessoa ruim...

- Como não? Sabe o que ela fez?

- Não... Mas deve ser engano... garanto que ela não fez mal a ninguém.

- Sério?!... É isso mesmo?... Nunca viu ou ouviu falar de suas atitudes racistas, homofóbicas, fascistas e xenófobas?

O rosto dela crispou-se. Notas de fúria eram sensíveis em meio a outras de aversão. Ele não entendia o porquê de toda aquela reação, como se a vizinha fosse a pior entre todas as malditas criaturas da terra; e aqueles adjetivos fossem a essência da sua natureza.

- Ah?!... Claro que não!... Ela não é nada disso aí...

- Você é um cúmplice?

- Eu?!...!

A pergunta atingiu-o como um soco. Por que raios ela se dirigia a ele assim? Cúmplice... Era só o que faltava...

- Não!... Óbvio que não! - Respondeu.

Ela pareceu não o ouvir, e voltou o foco para a acusada.

- É verdade que ela votou no Capitão para a presidência?

J.B. riu, e riu, por algum instante. Um riso nervoso, é verdade, mas não menos divertido, o reflexo da cena hilária de ver a mulher do 171 na cabine de votação.

- Ela não vota, nem em capitão, padre, sindicalista ou qualquer político... Ela odeia políticos... Todo ano eleitoral, vai aos Correios pagar a multa e se justificar...

- Hã, hã!... Odeia? É mesmo?... Quer dizer que é culpada, então!... Não é democrática... Defende o golpe de estado... Promove a ditadura... É contra as minorias e avanços sociais... Não dá valor às conquistas feministas... Sabe quantas mulheres pagaram com a vida para hoje podermos votar? E ela simplesmente rejeita e nega todo o sofrimento de gerações... Quem ela pensa que é?... Com certeza uma negacionista do efeito estufa, das vacinas, e deve ser uma terraplanista também... Será que ela acha que pode fazer o que quiser?... Sem sofrer as consequências?

Ele ficou petrificado. Como aquela mulher poderia ter chegado a essas conclusões? De onde havia tirado tantas ilações esdrúxulas, sem pé nem cabeça?

- Você a conhece? – Perguntou.

- Eu? – A repórter bateu a mão no peito – Não! Cruz credo!... Nem quero conhecer. Estou aqui apenas para cumprir o ofício jornalístico... Cobrir o caso dessa aberração humana...

- Afinal de contas, o que ela fez?

- Não sei, disse a repórter. Mas o que tenha feito, com certeza, não é coisa boa...

Nisto, houve uma agitação ainda maior, e as pessoas acorreram até a porta de entrada. Foi quando a mulher do 171 saiu escoltada por três policiais. Eles eram altos, fortes, usavam balaclavas, coletes, luvas e armas à cintura. J.B. viu, pela primeira vez, em muitos anos de convívio, a expressão assustada, confusa, estupefata da mulher. Ela estava em choque, sem qualquer reação, deixando-se arrastar impotente, co-

mo se estivesse morta. Atravessou a multidão, que abriu um corredor exíguo à ordem da escolta, em meio às tentativas de interpelá-la. Pouco antes de entrar na viatura, um homem aproximou-se, desferiu-lhe uma cusparada no rosto e gritou a plenos pulmões: “fascista!”. Um dos guardas riu, enquanto outro conteve o manifestante, arredando-o para o lado. Outras vozes se seguiram, e os impropérios ressoavam no ar.

J.B. tentou aproximar-se, mas foi contido.

- Fique aí, rapaz!

Enquanto observou-a entrar no carro, os olhos vidrados de pavor, por fim, o veículo partir lentamente, em meio aos apupos e ameaças dos transeuntes.

[Continua no próximo número...]



UMA GALINHA



Eu devia ter uns vinte anos na época, e possuía um videogame que se quebrou com pouco tempo de uso, mas não tinha garantia, pois havia sido comprado nas mãos de um ambulante que jamais encontraria outra vez, e assim pensei em trocá-lo por um óculos, um cinto, uma bola de plástico, sei lá o quê mais, qualquer coisa que compensasse um eventual prejuízo, mas o negócio não era furada, pois o comprador poderia tentar aproveitar algumas de suas peças, e assim peguei um ônibus e fui em direção à esquina dos aflitos, uma região do centro de Belo Horizonte frequentada pela escória, onde se negociava de tudo, de dentadura quebrada a guarda-chuvas furado, mas era bom tomar cuidado porque passava por lá muita coisa roubada, para evitar-se problemas com a polícia.

O lugar já estava cheio, era quase meio-dia, gente suja, gente fedendo, gente desdentada, e vários ambulantes exibiam suas mercadorias em lençóis furados estendidos no chão. Alguns ficavam pelos cantos com as mercadorias escondidas nos bolsos de seus paletós surrados, ou de suas calças largas sustentadas por cintos velhos ou cordas, ficavam fazendo “psiu”, “psiu”, para tentarem atrair a atenção de suas vítimas.

A maior parte do que se negociava naquele lugar era puro lixo, e acredito que os frequentadores sabiam dessa situação, mas estavam ali porque não tinham mais o que fazer na vida, assumindo sua con-

dição de derrotados, e assim ficavam trocando e retrocando suas coisas, pois acreditavam que assim poderiam resistir em desencarnar.

Depois de perambular por alguns minutos em meio a essa multidão esquelética, vi uma galinha com as patas amarradas, deitada sobre um jornal sujo, ao lado do seu dono, que dormia com um cigarro quase apagado, pendente na boca. Acordei o cara com toque no ombro, e ele só abriu um dos olhos vermelhos, revelando que havia bebido muita cachaça ou coisa pior, durante a noite anterior. Perguntei se ele aceitava alguma troca e ele me perguntou o que eu teria para oferecer. Mostrei o videogame e ele: “funciona”? Disse que não, mas ele revirou o aparelho, deu uma sacudida perto da orelha peluda e acabou aceitando. Levei a galinha embrulhada em um jornal, deixando só a cabeça de fora.

Quando estava de saída, dois homens malvestidos se aproximaram, ambos com um cheiro forte de suor vencido há semanas, e se apresentaram como fiscais. “Fiscais de quê”, eu perguntei, e eles: “do governo”. Ah, vão se lascar, malandros, que fiscalização coisa nenhuma. Pedi para ver o crachá de identificação, e como eles não mostraram, juntei a bichinha debaixo do braço e fui andando, mas os vagabundos vieram atrás e me alcançaram alguns passos adiante. O mais fedido tentou tirar-me a galinha à força, mas resisti e ainda o empurrei sobre uma banca de bijuterias,

espalhando tudo pelo chão. Foi assim que começou a briga. Em poucos instantes, o pau começou a comer por todos os lados, a malandragem distribuindo chutes, socos e navalhadas, e no meio dessa bagunça acabei me safando, com a minha preciosa galinha escondida por baixo da blusa.

Chegando em casa, soltei o bicho, cortando a cordinha com uma faca cega que encontrei jogada na pia. Ela ficou parada na cozinha, olhando-me um pouco espantada. A porta do quintal estava aberta e ela não sabia exatamente o que fazer, pois nem tinha noção de que lá fora a cerca estava com várias falhas e ela poderia fugir com certa facilidade.

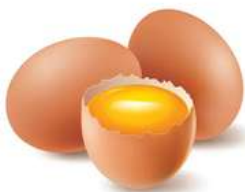
Eu também não sabia o que fazer com aquele bicho magrelo e com o pescoço depenado. Ela tinha as penas predominantemente marrons, mas também apresentava alguns tons em cinza e preto, e parecia não ter muita carne para comer. Eu também não teria coragem de matá-la, e assim tentaria dar alguma utilidade para ela. Talvez colocá-la para eliminar as baratas que saíam do esgoto do quintal.

Foi com espanto e arrepio que escutei um “obrigado”, com um som anasalado que parecia vir da direção do bicho. Perguntei: você falou? Ela disse: “sim”.

Não era fácil entender a sua fala, pois o ar saía com dificuldade, como se ela estivesse se engasgando ao comer ração, mas acabei me acostumando e a partir daí travamos uma conversa longa e sincera. Ela me falou que no começo até pensou em se tornar uma celebridade, por conta de sua rara habilidade, mas depois acabou por desistir, ao desvendar a verdadeira natureza humana: deciframe e eu te devoro.

Disse-me que queria estudar, que gostava muito do Direito – “Direito Penal” -, observei com ironia, e ela riu, complementando “obviamente” – e que pensava em ser juíza ou promotora, mas sabia que seria quase impossível neste mundo movido por uma economia desumana que transforma os seres vivos em itens degustáveis, nesses inclusos os da nossa espécie.

Terminamos a noite falando sobre Sartre, Jung, Freud, Lacan, escutamos músicas clássicas e tomamos um resto de vinho que estava na geladeira. Percebi que havia encontrado a minha alma gêmea, mas não nos apaixonamos nem fizemos sexo, porque nossa identidade intelectual não permitiria tais arroubos. Assim, nos tornamos amigos e confidentes. De qualquer maneira, a partir daquele dia, pude desfrutar os melhores omeletes da cidade.



um conto de Michel Salomão

Dèjà vu

Todos os sábados pela manhã, faço compras em uma feira de produtos orgânicos (aparentemente, cultivados sem agrotóxicos), que fica no bairro Santa Tereza, em Belo Horizonte, e no primeiro lugar da fila, independente da hora em que eu chegue, SEMPRE estará um personagem folclórico que me lembra um pouco o ator Morgan Freeman, mas tem uma longa barba branca e os cabelos puxados para trás, formando um pequeno coque. Parece que ele dorme lá, para não perder o primeiro lugar.

Logo atrás dele, um outro personagem pitoresco, um baixinho que é a cara do ator Gero Camilo (procurem na internet) sempre com uma mochila muito cheia pendurada nas costas, e ele fica escutando pacientemente as conversas do sócia do Morgan, a quem secretamente apelidei “Eu Garanto”, pois está SEMPRE falando essa frase repetidas vezes, ao garantir que conhece todos os países do mundo pela internet, navegando pelo Google, e que sabe detalhes dos lugares muito mais do que os próprios moradores.

A conversa é SEMPRE a mesma, TODAS as semanas, e o baixinho prossegue acenando afirmativamente com a cabeça, assombrado com os vastos conhecimentos do companheiro.

Um verdadeiro déjà vu, que nem no filme “O Feitiço do Tempo”, com o fantástico Bill Murray.

Mas existem outros personagens que povoam aquela fauna alternativa, que atraí as mais exóticas espécies intergalácticas, como a velhinha francesa que tem o cabelo branquinho, mas com umas mechas pintadas de roxo, ou o gordinho feliz, com suas sandálias e meias com as cores do arco-íris, que ainda usa uns óculos decorados com flores e pedras preciosas de plástico.

O local é frequentado pela esquerda ecológica da cidade, que acha que tomar banho com sabonete destrói a natureza, e por isso não é difícil sentir um forte cheiro de suor misturado com ervas. Não raramente, podemos ver exemplares vestindo camisas vermelhas do Movimento dos Sem Terra, do PSOL ou do PT.

Correrei perigo se souberem que sou um morador da Zona Sul, e que estou indo até lá para disputar alimentos com eles. Por isso, quando vou lá, procuro sempre usar roupas mais velhas, além de um boné, óculos escuros e uma barba postiça.

Kennedy Osmano



Eles vão e voltam no tempo, morrem e ressuscitam várias vezes, a vilã poderosíssima morre e ressuscita da mesma maneira, faz acordos inexplicáveis com o garoto velho, quando poderia simplesmente conseguir o que quisesse sem a ajuda de qualquer deles, mas assim os capítulos vão se desenvolvendo de uma forma sem lógica onde vale tudo para render o bloco, com direito a tiros, facadas e explosões.

No final, a personagem afro, Allison, mata o pai, Reginald, mas fica em aberto a possibilidade de o velhote ressuscitar, como já aconteceu antes, dando abertura para novas temporadas.

A direção é competente, a direção de fotografia é muito boa e a trilha sonora bem interessante, mas não espere uma “moral da história”, pois roteiro prefere seguir essa tendência mundial em que os super heróis são frágeis, inseguros, indecisos, inconstantes, deprimidos, malandros e capazes de fazerem suas trapaças, bem diferente dos heróis do passado, que eram firmes e incorruptíveis. Os tempos mudaram.

Esta é uma série que está fazendo relativo sucesso na NETFLIX, e gira em torno de sete supereróis adotados, ainda crianças, por um industrial bilionário, criador da Umbrella Academy, o velhote Reginald Hargreeves, treinados para salvarem o mundo de um apocalipse.

A proposta é baseada nos quadrinhos de Gerard Way e Gabriel Bá, e segue todos os protocolos do politicamente correto: tem um gay, uma lésbica que realiza uma transição de gênero (na vida real, Ellen Page, que agora é Elliot Page), uma afrodescendente, um hispano, um chinês e um adolescente prodígio (que na verdade teria 59 anos).



O amanhã póstumo

Ópera dos mortos

por Jorge F.Isah

Nos últimos meses, me aventurei pela leitura da ficção mineira, algo negligenciado havia muito, e me fazia corroía o senso de injustiça quanto à minha própria terra. Por isso, comecei com Fernando Sabino e o seu “Encontro Marcado” (concluído, e cuja resenha poderá ser lida aqui mesmo, em breve), ando às voltas com “Crônica da Casa Assassinada”, de Lúcio Cardoso (a conclusão desse demandará ainda um bom tempo), “Obra Completa”, de Murilo Rubião (concluída à pouco), e “Ópera dos Mortos”. Ah, não posso me esquecer de Luiz Ruffato e o seu “Flores Artificiais” (resenha por aqui, em breve), e a próxima leitura, já adquirida, de “Verão Tardio”.

“Opera dos Mortos” é considerado o maior romance de Autran Dourado, que é comparado a Guimarães Rosa, de quem ainda não consegui concluir nenhuma obra, e me é, em algum aspecto, um escritor intragável. Espero mudar de ideia, pois pretendo novas tentativas de leitura dos seus principais livros, e talvez ele se torne digerível. Mas entendo a comparação, já que Rosa é considerado o maior prosista mineiro e, ao lado de Machado de Assis, do Brasil. Mostra a envergadura de Autran Dourado, e um pouco de quem estamos a falar. Escrito em 1967, o livro é o primeiro volume da trilogia cuja sequência se dá com “Lucas Procópio” e “Um Cavalheiro de Antigamente”.

A história se passa no interior de Minas, e tem como principal personagem um “Casarão”, isso mesmo, onde se desenrolam os conflitos, intrigas e a solidão dos demais personagens. Esses são como vultos, fantasmas, a assombrarem com seus desvios e pecados as paredes, tetos e pisos da construção, numa sequência interminável de feridas expostas e das quais é impossível se esquecer; sem alívio, uma dor interminável. O ressentimento, o orgulho, a amargura áspera, permeia a vida dos ocupantes e o restante da cidade, em um sentimento de culpa sem qualquer perdão. Tudo porque, no passado, a cidade traiu a confiança e boa-fé do patriarca da família Honório Cota, pai de Rosalina, moça que conserva a tradição familiar de isolar-se em casa e evitar, a todo custo, o contato com os demais habitantes da cidade.

Do avô, Lucas Procópio, odioso em seu comportamento desumano, frio e egoísta, Rosalina parece herdar a loucura, uma loucura melancólica, trágica, quase inofensiva (a não ser a si mesma), enquanto o ancestral impregnou-se de uma demência maligna, perversa.

Moram no casarão a empregada Quiquina, uma descendente de escravos e que criou Rosalina, tendo-a por filha. E a chegada do maledicente e preguiçoso e errante Juca Passarinho, exímio caçador, a despeito



de ter apenas um olho bom, pois o outro, era uma névoa branca. Ele se apaixona pela figura nobre, circunspecta e altiva de Rosalina. Com o tempo, angaria alguma simpatia dela e a aversão de Quiquina. Com o tempo também, as coisas mudam; se de dia o aspecto geral da casa e suas relações é austera, formal e corriqueira, a solidão de Rosalina, que não tem com quem conversar, já que Quiquinha é muda, acaba por “ceder” à bisbilhotice atrevida de Juca; e este passava as tardes ouvindo as resenhas da patroa, atropelando-a vez ou outra com os seus palpites despropositados e perguntas indelicadas. À noite, o convívio tomava ares completamente distinto, fazendo lembrar ao narrador (indistinguível) as diatribes do velho Procópio.

O Casarão contém, em seu espaço, duas realidades diferentes, em que as vidas se encontram no limiar de uma tragédia grega. E acaba por consumir-se.

É impossível não relacionar o título da obra com o enredo, no qual se vislumbra a realidade em que os mortos de verdade estão vivos, e tão vivos que impregnam os habitantes da casa com a própria morte; como se a resistência estivesse no estigma de levá-los, os ainda vivos, à morte, de forma a unirem-se a eles. E se os ainda vivos agem como mortos, e os mortos como vivos, nas lembranças, objetos, e condução da vida na velha mansão, ali se enterram, e são enterradas, as esperanças, os desejos, as almas dos moradores. Nem mesmo quando a casa é aberta e os habitantes da cidade têm a oportunidade de invadirem os seus cômodos, a tortura e o martírio permanecem como presenças graves em cada parte, cada detalhe, cada som, sem que ninguém se sinta ou esteja livre da mancha a gravar o vestígio da condenação e a clausura de todo o povo, dentro ou fora do Casarão. Ele é o centro da sociedade, da atividade, da vida pregressa e futura da cidadezinha.

Ópera dos Mortos é uma grata surpresa. Um livro em que Autran Dourado traça a ponte entre o passado e o presente, e um futuro tão embebido neles que se transforma em “amanhã póstumo”, onde a morte traz da vida outros defuntos.

o pavio curto das

TOCHAS DA LIBERDADE

por Kim Jordan

Feministas, junto com o movimento gay, são as grandes forças revolucionárias da atualidade. Nem os sindicatos, antes os motores das convulsões sociais, estão mais em moda. Perderam força com o passar do tempo, superados por seios à mostra, defecações públicas e muito pompom e lantejoulas. Não estou a generalizar, muito menos dizer que toda feminista e todo gay fazem ou defendem essas táticas de, mais do que reivindicar, buscar a convulsão, o tumulto, a sublevação da ordem e da tradição. Não é isso, e que fique bem claro! Contudo, a face visível das manifestações, além da arrogância, intolerância e provocação gratuitas, não foge a esse escopo, o de substituir o debate sério por meios bárbaros e inurbanos... E o politicamente correto revela-se dia a dia, e cada vez mais, hipócrita, falso e desleal, pois, convenhamos, as mesmas exigências feitas aos antagonistas ou “inimigos” não vale para os pares e correligionários; agremiações e grupos que se manifestam, do ponto de vista da ação e do ativismo militante (sic), contrariam exatamente o que professam (ao menos em relação aos seus desafetos).



Em outras palavras, o truculento, o violento é sempre o adversário, mesmo que ele nunca tenha desferido um soco, cuspe ou tapa em alguém, enquanto o “amigo” pode não somente realizar tais coisas, mas outras ainda piores, com a justificativa de “resistência” às injustiças. O que em um é condenado, no outro é absolvido. E o discurso toma ares de incongruência, desatino e absurdo, com laivos de agressividade desnecessária, seja pela histeria, pela ameaça, pela mentira, ou algum distúrbio hormonal e psíquico. A questão é de força, e não de argumentação, e ela se transforma na arma imprescindível ao sucesso.

Se as campanhas publicitárias, filmes, séries e novelas (pasmem! Até desenhos infantis) glamourizam a desobediência, o sexo irresponsável e desenfreado (parece uma maratona para ver quem fica com mais parceiros na reta final), o egoísmo e o pensamento linear, onde não existe lugar para debates, altercação; o monopólio dos temas e disputas se torna exclusividade, e a alienação mental nessa única ideia absorve todas as faculdades mentais do indivíduo, ao ponto dele não ser capaz de arrazoar nada além daquilo que lhe foi dito e prontamente aceito, sem questionamentos e dúvidas; na medida em que os fiascos e desgraças transmutam-se em vitórias, dominados pelo sofisma de labutar uma luta inglória e corrosiva.

Quando um grupo de mulheres saiu às ruas, no fim da década de 1920, na Quinta Avenida, em New York, o Easter Sunday Parade, em pleno domingo de Páscoa, ostentando cartazes onde os cigarros eram identificados como “tochas da liberdade”, a apelar para o direito inalienável de fumar (algo imoral na época), a fim de pôr de vez o “machismo” e o “patriarcado” em maus lençóis, a ideia era colocar homens e mulheres no mesmo



pé de igualdade, ou seja, fazer da vaidade, do orgulho, uma bandeira (tenho para comigo que a vaidade/orgulho é apenas sinal mais “nobre” do fútil e presunçoso). Afinal, nada mais “empoderador” do que riscar um fósforo em público para todos verem quão “independente” pode ser a vontade muliebre.

Por trás de tudo isso estava o gênio publicitário de Edward Bernays (austriaco e sobrinho de Freud que, incompreensivelmente, é desprezado pelas alas libertárias), contratado pela American Tabacco Corporation, a fim de dobrar o consumo dos cigarros da marca. Nada melhor do que estimular as mulheres a quebrar o tabu, via luta social, e garantir-lhes o direito de consumo a algo estritamente masculino. Diga-se de passagem, as mulheres fumavam cigarros e charutos, mascavam fumo e bebiam, em reservado,

em reuniões privadas, lares, etc, algo restrito e até mesmo combatido por várias ligas femininas (notem a diferença, por favor!) no decorrer da história, mas nada melhor para alavancar a demanda do que popularizar o consumo de tabaco em público.

Assim, naquele domingo de Páscoa, quando o Cristo veio para verdadeiramente libertar o homem (aos incautos, estou a falar do ser humano, no qual as mulheres estão inseridas), ironicamente o E.S.P. queria libertar as mulheres da liberdade e prendê-las ao vício. Nada mais incoerente; mas assim funciona o discurso ideológico.

Por fim, a marca “Lucky Strike” vendeu muitos milhões a mais de maços de cigarros, e as “tochas da liberdade” queimaram, mais uma vez, o paviozinho salubre de homens e mulheres.

Óticas em Belo Horizonte existem centenas, talvez milhares. Mas charmosa como a **Óptica Metrôpole** não existe igual. Fundada em 1980 pelo simpático Zé Antônio, funciona em uma pequena galeria no estilo “Art-Decó”, ao lado de onde existiu a mais famosa loja de departamentos da cidade, a Sears Roebuck, & Co., até meados daquela década, nos tempos em que ainda funcionava o famoso Cine Metrôpole, nas esquina de Rua Goiás com Bahia. Somente lá você consegue encontrar aquele óculos diferenciado, que não conseguiria em lugar nenhum, alguns modelos sendo “garimpados” pelo seu proprietário, em suas viagens. Além disso, com uma experiência de 32 anos, somente a **Óptica Metrôpole** pode indicar as melhores lentes para o seu conforto visual. O endereço é Rua Bahia, nº 105-A, em Belo Horizonte. Telefone (31)3226-3212 e (31)984-82-1525 - e-mail opticametropole@gmail.com



UM MERO SEDUTOR...

Carlos era um conhecido meu, não um amigo. Trabalhamos em uma mesma empresa, um banco de investimentos localizado no centro de São Paulo, e não demorou para perceber que depois que saíssemos daquele emprego não nos encontraríamos mais. Faltava alguma coisa para se classificar a relação como amizade. Preenchíamos o nosso tempo, apenas isso.

Ele tinha umas teorias estranhas, porém, comprovadas por ele mesmo, e que nós, colegas do setor, com os quais partilhava algumas de suas principais aventuras, a princípio custávamos a acreditar, mas ao final éramos obrigados a dar-lhe razão. Uma delas era a teoria da infidelidade, baseado nas leituras de Néelson Rodrigues, seu escritor preferido. Segundo ele, não existia mulher fiel. Homens, então, nem pensar. Ele sustentava que toda mulher um belo dia trai, e assim o sedutor precisa estar atento aos sintomas, pois elas costumam denunciar o exato momento em que estão predispostas a trair. Era o que ele fazia: farejava as suas vítimas, aproveitando o momento certo com uma paciência de aranha na teia. Posso arriscar a dizer não era necessariamente a conquista da mulher o que mais o atraía, mas a vitória sobre o rival.

Localizada a vítima, iniciava com uma frase estúpida qualquer, mas que, quase sempre, lhe abria as possibilidades, com o seu jeito engraçado de dizer coisas estúpidas como: “sei que você é uma mulher séria, honesta, dedicada ao seu companheiro, mas no dia em que resolver sair da linha, dê-me a preferência”. Ele ria, as mulheres também riam, ele entregava o cartão contendo o número do seu telefone e aparentemente ficava por isso mesmo, mas aquele gesto ficava guardado em suas mentes: no dia em que decidissem trair, ele seria a primeira opção.

Vale dizer que o Carlos não era nenhum modelo de beleza, mas também não era feio. Moreno, estatura média, cabelos pretos levemente ondulados ajeitados com gel, os olhos um pouco caídos nas extremidades, as sobrancelhas grossas sempre apontadas para cima, o que lhe dava uma aparência triste que contrastava com um amplo sorriso nos lábios carnudos, que se abriam em momentos estratégicos. Ele se cuidava, usava roupas de grife, relógios e perfumes caros, e isso agrada às mulheres.

Ele me lembrava o patético personagem Giaco-

mo Casanova interpretado magistralmente por Donald Sutherland, com sua magestosa apatia, no inesquecível filme de Federico Fellini. Fazia galanteios de uma forma quase entediada, brincava, provocava sem ser abusado, e no momento em que detectava alguma evidente possibilidade, atacava.

Carlos havia “degustado” - termo utilizado por ele - praticamente todas as mais belas mulheres da empresa, e fazia questão de contar para nós, que nos juntávamos ao redor dele, enquanto floreava suas aventuras com outras histórias fantásticas, o que às vezes nos levava a pensar que tudo não passaria de criação daquela mente perturbada, mas ele fazia questão de nos mostrar as fotos dos momentos mais comprometedores, o que poderia lhe render sérios processos na justiça, mas ninguém se arriscaria a delatá-lo.

Cheguei a sair com ele algumas vezes, após o expediente, em alguns bares da região, momentos em que ele não perdia a oportunidade para caçar mais algumas de suas presas, desconfio que por puro exibicionismo, mas também gostávamos de trocar experiências literárias e até nos arriscávamos a escrever e publicar algumas coisas em jornais e revistas alternativas.

Ele não descansava um só dia, sempre traçando a estratégia de forma obsessiva, onde quer que estivesse, em um parque de diversões ou em um ve-



lório, passando a escolher implacavelmente o alvo de sua sedução, mesmo que estivessem acompanhadas do marido, do noivo ou do namorado, e esperava que se distanciassem de seus acompanhantes, quase sempre para irem ao banheiro (as mulheres adoram um banheiro), fazia a aproximação como quem não quisesse nada, iniciava com comentários oportunos, se mostrava prestativo, desajeitado, inofensivo, conselheiro, e terminava por distribuir um cartão de visitas com o seu telefone, e em alguns casos também conseguia o telefone de sua vítima logo no primeiro contato. Vale dizer que sua taxa de retorno era superior a 30%.

As mulheres, geralmente, não estão seguras quanto à sua beleza natural, e para isso precisam se disfarçar com maquiagem pesada, roupas extravagantes, sendo que ele se propunha a atingir a sua essência, a sua nudez, desconstruindo a imagem fantasiosa que elas insistiam em preservar.

Ele possuía uma habilidade sobrenatural para vencer as barreiras iniciais, impedindo que até as mulheres mais experientes desconfiassem que ele não era apenas um aproveitador e mentiroso. Com sua fala macia, conseguia desviar a atenção para questões pessoais que as afligiam e acabavam por se perderem nas promessas de um dia levá-las ao estrelato, ou até mesmo ao altar.

Mas era na escrita que ele mais se dava bem. Utilizando aplicativos das redes sociais, começava fazendo elogios discretos, falava primeiramente de sua beleza interior para depois passar para a exterior, que em um primeiro momento não tinha qualquer valor, mas que naquele caso específico era fundamental. Dizia que os companheiros não sabiam valorizar uma mulher de verdade e coisa e tal, e assim estava armada a arapuca. Às vezes podia até demorar um pouco mais para atingir o seu objetivo, mas o resultado era fatal: nos próximos encontros, ele conseguia conquistar a confiança da vítima, tocando delicadamente em sua pele, e logo em seguida pedia para ler os segredos guardados nas linhas de suas mãos, com uma sinceridade poética capaz de desarmar qualquer resistência bélica.

Falava que as mãos não mostravam o futuro, e quem fizesse essas previsões não mereciam crédito, mas que elas denunciavam a personalidade mais oculta das pessoas, desvendando segredos que até elas mesmas desconheciam.

Vale dizer que ele cuidava muito bem das próprias mãos, passava cremes, tirava o excesso de cutícula, sem contudo parecer efeminado, e no momento que tomava as mãos de suas vítimas entre as suas, ficava faltando pouco para o golpe derradeiro.

Certa vez, tive a oportunidade de presenciar a sua estratégia, pois estava na sala ao lado, e a porta se encontrava entreaberta, quando pude ouvir quando ele falou, com a sua voz sedosa e projetada, que “aquele cara não te merece, pois você é a mulher mais maravilhosa que já vi em toda a minha vida”,

entre outras conversinhas manjadas. Pouco depois pude ouvir os seus passos, levando a garota para o depósito que ficava no final do corredor, e ainda pude escutar a respiração ofegante dos dois, para depois saírem um de cada vez, cada qual tentando arrumar discretamente as suas roupas.

Anteriormente, já havia me falado que estava preparando o bote para aquela secretária, que era a mais bonita da firma, e que iria se casar em breve. Deu tudo certo, conforme seus planos, e ela acabou mesmo se casando com o outro, independente dessa escapada pré-nupcial.

Mas não se restringia às mulheres comprometidas. Tinha suas preferências, mas o que ele buscava mesmo era as mais bonitas, aquelas que para nós, humanos medíocres, se mostravam inatingíveis.

Uma de suas observações mais interessantes, e que pude comprovar desde então, dizia respeito ao exibicionismo das mulheres. Segundo ele, bastaria ficar 15 minutos em frente à janela de um prédio e veríamos ao menos uma ou duas mulheres na vizinhança trocando de roupa com a janela aberta. Entretanto, você poderia ficar o dia inteiro e dificilmente veria um homem nessa mesma condição. Segundo ele, as mulheres sabem que estão sendo observadas, conhecem a natureza voyeurística dos homens e intimamente se divertem com isso. Ele apenas conseguia fazer com que fossem mais além desse simples prazer exibicionista.

Dez anos se passaram e um dia resolvi procurar pelo Carlos nas redes sociais, realizando buscas no Google com a utilização de “aspas” entre o nome completo, mas nada: ele havia saído do mapa. Por mero acaso, encontrei-me na rua com um ex-colega daquele banco e, entre uma conversa e outra, falou-me que o Carlos havia morrido, assassinado por um marido ciumento. Teria sido um caso antigo, ocorrido há mais de dez anos, do tempo em que ainda andava com mulher, mas o marido não se esqueceu e procurou se vingar. Nos seus últimos anos, o Carlos havia assumido a sua homossexualidade e se “casado” com um colega do banco, o “Jorjão”, que era a cara do George Foreman, media 1.90m, pesava 150 quilos e dava medo só de olhar para ele.

Foi difícil de acreditar, não na morte do Carlos, mas no “casamento” com o Jorjão. Ele era o cara mais ignorante que vi em toda a minha vida, do tipo “macho alfa”, tendo quebrado muitas pernas e provocado incontáveis outras lesões em nosso futebol de fim de semana com a turma, mas só agora pude lembrar-me daquele seus olhares estranhos em nossa direção, no vestiário, enquanto tomávamos banho, após o jogo, além do fato de que nunca havia sido visto com mulher alguma, mas a gente achava natural, considerando sua feiúra e truculência. Dizem que no enterro do Carlos chorou como uma menina, e foi o último a jogar flores no caixão. Mundo estranho.

PERSONALIDADE



JEAN PAUL SARTRE

Por ser feio, Jean Paul Sartre (21/06/1905 - 15/04/1980) virou um filósofo famoso, pois tinha tempo para ficar observando as coisas, enquanto as demais pessoas trabalhavam, se divertiam, faziam sexo e iam aos shoppings. Mentira: naquele tempo não existiam shoppings. Naquela Paris do início do Século XX, as pessoas passavam o tempo nas mesas dos bares tomando vinhos e champagnes franceses (é óbvio), enquanto Sartre escrevia.

Ficou notório o seu longo relacionamento aberto com a também filósofa e escritora francesa (e igualmente feia) Simone de Beauvoir, e juntos faziam uma feia dupla, daí a ideia do relacionamento aberto: podiam ficar com quem quisessem, mas não ficavam. Diziam que ficavam, mas era a mais pura ficção. Dizem que várias correspondências entre os dois relatavam os relacionamentos que mantinham com outros homens e mulheres, não se sabe se juntos ou misturados, mas não deve ser verdade, ou pode até ser. Os feios também amam. O fato é que eles escreviam muito bem.

Mas Sartre era esperto: conseguia ficar, ao mesmo tempo, de olho no gato e no peixe, e passou a utilizar a essa capacidade extraordinária de “ver a vida por outros ângulos”, o que serviu para traçar as suas teorias do “existencialismo”, baseado na filoso-

fia de René Descartes, que dizia que “penso, logo existo”.

Dizem que, na verdade, foi influenciado por Husserl e Heidegger, mas pouco importa, pois eram todos tristes. Os filósofos, em geral, são tristes. Não conheço um só filósofo feliz. Se é feliz, não é filósofo.

Militante da esquerda, se recusou a receber o Prêmio Nobel de Literatura em 1964 por, possivelmente, entender que a grana que iria entrar era coisa de burguês, quando na verdade poderia ter distribuído tudo entre o povo oprimido. Mas gostava de frequentar os bares e restaurantes de Paris, tomando vinhos e champagnes caros acompanhados de um patê de *foie gras*, assim como, ainda hoje, fazem os seus partidários.

Li vários livros de Sartre, mas foi “A Idade da Razão” o que na época mais gostei. Fala de um professor de filosofia entediado, Mathieu Delarue, aos 33 anos de idade, e sua amante ocasional, Marcelle, que certo dia, em um bar, dá uma facada na própria mão. Apenas isso. Na época, eu tinha 15 anos, mas depois li de novo e não gostei mais. Também li “Sursis”, “O Muro”, “A Náusea” e “Com a Morte na Alma”. Livros tristes, deprimentes.

Hoje passo os dias assistindo vídeos de “stand up” no YouTube.

Diário de um Confinamento

crônicas de Michel Salomão

capítulo 22

Há meses não vejo a Velha Fumanchu. Ela pode ter se mudado, morrido ou nem mesmo existido. Se o mundo é uma Matrix, ela teria sido uma programação mal-sucedida, um bug, uma mensagem de erro do Windows. Um malware, um vírus mutante. Há também outra hipótese: o cachorrinho irritante pode ter morrido e por isso ela parou de sair à rua. Com as luzes apagadas, ela, possivelmente, passa o dinheiro aos entregadores por baixo da porta, deixando escapar o odor azedo dos restos dos alimentos nas marmitas de alumínio jogadas pelos cantos, misturado ao ranço exalado pela sua pele sem banho. É provável que as veias do seu rosto estejam ainda mais evidentes, dando a ela uma tonalidade fantasmagórica. Talvez seja tudo fruto de minha imaginação. Talvez ela tenha dado uma repaginada no visual e esteja curtindo uma praia em Búzios. Talvez.

No início da pandemia, surgiram as mais criativas teorias da conspiração. A que mais se difundia era a de que tudo não passaria de um plano orquestrado pelos reptilianos abrigados na Área 51, com o apoio dos governos russo e chinês, patrocinados por Bill Gates e George Soros, como propósito de criarem uma megadesvalorização das bolsas de Nova York, Londres, Tóquio e Xangai, e que essas ações seriam compradas em baixa por povos de outras galáxias, que se instalariam na Terra para invadirem os corpos dos nativos, previamente marcados por micropartículas injetadas junto com as vacinas, e as mais cobiçadas seriam as carnes dos povos localizados ao sul do equador, pois serem mais tenras, em função da sua ociosidade. E assim, milhões de pessoas acreditaram nessas teorias e passaram a perseguir e a caçar os prováveis invasores de corpos, arrancando as suas peles para verificarem se por baixo haveria mesmo algum lagarto verde, mas isso nunca foi comprovado, mesmo após incontáveis e desnecessários sacrifícios. A histeria tomou conta da população. Por qualquer motivo, pessoas eram empaladas e crucificadas, como se tais sacrifícios fossem capazes de amenizar a fúria da natureza contra a ciência, e assim novas religiões foram surgindo, e a que mais crescia era aquela que cultuava o Deus Corona, com sua sede por sangue de crianças. Os rituais foram tão numerosos que em pouco tempo foi veiculada uma campanha de procriação, pois as taxas de natalidade estavam quase zerando, visto que as pessoas não tinham mais ânimo para se acasalarem.

capítulo 24

Cinco anos sem sair de casa. Enormes teias de aranhas foram se formando nos vãos das portas. Quando o estoque de comida acabou, cheguei a pensar que seria o fim, mas acabei me dando conta de que após o fim vem o começo, pois a vida é um ciclo infinito, onde se destrói uma coisa para se construir outra. Foi muito estranho me acostumar com isso, principalmente quando lembrava das noites com amigos no Xurupa's Bar, quando nos divertíamos falando abertamente sobre os defeitos uns dos outros, que passavam a ser qualidades, como num processo de catarse, quando externamos nossas mazelas para obtermos uma espécie de perdão. Ao contrário das mulheres, que em suas manifestações elogiosas mal conseguem conter a inveja uma das outras. Durante um certo tempo, continuamos nos reunindo por videoconferência, mas a coisa foi perdendo a graça, até que acabou. Melhor assim. Sobrava mais tempo para não fazer nada.

capítulo 23

Infância

um conto de Michel Salomão



Era uma menina linda, loirinha, tinha nove anos de idade na época, e andava solta por aquela cidadezinha do interior de Minas Gerais, Brasil. O mundo ainda não inspirava perigo, ao menos naquele lugar, onde os dias se arrastavam e o calor era tanto que empenava as telhas das poucas casas que não utilizavam palha, o que era mais comum e que deixava o ambiente mais fresco, nas casas de chão de terra batida que as mulheres molhavam de tempos em tempos com uma caneca de água e que deixava um cheirinho agradável que nunca haveremos de esquecer, tudo extremamente limpo, com os utensílios e panelas penduradas em ganchos na parede da cozinha.

Era costume as mulheres deixarem o fogão à lenha aceso quase que o dia inteiro, sempre dispostas a prepararem alguma coisa para o café, antes das cinco horas, para o almoço por volta das dez, e para o jantar, às quatro ou cinco da tarde, e assim era a vida daquele povo da roça.

Os homens voltavam famintos e serviam uma verdadeira montanha que precisava ser trabalhada com habilidade para não desmoronar. As crianças ficavam soltas, junto com os bichos, e assim iam vivendo, com pouca ou nenhuma novidade, com a rotina raramente quebrada com a chegada do circo, que vinha de tempos em tempos exibindo um espetáculo triste de malabaristas tão magros quanto os seus faquires. Tristes também eram os palhaços, que nos faziam rir pela sua condição miserável e desastrada, nos quais a plateia jogava amendoins e o que mais encontravam pela frente, mas o que mais gostavam mesmo era do mágico, que tirava objetos dos lugares mais inusitados, e que um dia fez um

nino da platéia botar um ovo.

A menina linda e loirinha de nove anos de idade estava no fundo do quintal de sua casa que não tinha cercas, brincando com sua amiguinha, quando um vizinho, um vovô alegre e inofensivo as chamou para mostrar a elas um passarinho no ninho. Eles se embrenharam no meio do mato que ficava nos fundos da casa até que chegaram em um pequeno aclive que venceram com certa dificuldade. A mata era um pouco fechada e eles tiveram que empurrar os galhos para não se machucarem, e finalmente chegaram ao local em que havia alguma coisa no galho de uma árvore, que se parecia com um ninho.

Ele teve que levantá-la, segurando firmemente em suas pernas, enquanto a amiguinha se distraía com alguns insetos e plantas, mas ainda faltava um pouco para que ela pudesse ver o que havia lá dentro, pois nada se movia, mas ela pôde perceber que em alguns momentos as mãos do velhinho escapavam e entravam em sua calcinha, e no princípio ela pensou que fosse só algum descuido, mas em pouco tempo percebeu que a respiração do velho estava ofegante e chegou a pensar que ele estaria passando mal.

Com certa dificuldade, conseguiu se livrar e saiu correndo de volta para casa, levando com ela a amiguinha. Não contou nada para a mãe, nem para o pai. Nem comentou com a amiguinha que, ficou sabendo depois, teria voltado lá outras vezes com o velhinho, em troca de doces. A menina cresceu com a impressão de que os homens são completamente loucos.





Talvez você não saiba quem é Rowan Sebastian Atkinson, mas certamente já ouviu falar de seu mais famoso personagem, o Mr. Bean. Sim, era aquela criatura quase muda, que vestia ternos curtos e apertados, e que andava em um carrinho minúsculo, o Minicooper, e certa vez inventou de dirigir pelas ruas sobre o teto do carro, sentado em um sofá e utilizando cabos para acionar o volante, freio e acelerador.

Já era famoso no tempo de sua série "The Blackadder", mas foi com o esquisito Mr. Bean que o sucesso tomou proporções estrondosas. Engraçado é que ele pensou naquele personagem quase mudo para disfarçar problemas de dicção, mas não pensem que é fácil fazer o que ele fez, conseguindo tirar risadas das situações mais improváveis.



Rowan é formado em engenharia elétrica pela Universidade de Oxford, tempo em que iniciou os seus trabalhos de humor, ganhando, logo de início, muitos prêmios, até que, em 1990 lançou o famoso personagem, e essa série durou até 1995, mas ainda deu origem a longas metragens como "Mr. Ben – o filme", "As férias do Mr. Ben", "Johnny English", que teve três episódios, entre outros.

Um dos pontos altos de sua carreira foi a apresentação de seu personagem nos Jogos Olímpicos de Verão de 2012, mas as suas premiações foram tantas que nem vale a pena enumerar.

O seu primeiro grande sucesso foi com a série No The Nine O'Clock New Team, pela BBC, mas o seu trabalho já havia sido notado pela crítica, no Festival de Edinburg, em 1977.

Mesmo afirmando que não retornaria ao personagem atrapalhado, por sentir-se velho para tais aventuras, recentemente, o ator pode ser visto em uma série da Netflix, "Man x Bee", que na verdade é um longa-metragem dividido em 10 capítulos, cujo protagonista é parecidíssimo com o famoso Mr. Bean.



Contrário ao "politicamente correto", chegou a dizer, em uma entrevista ao jornal "The Irish Times", que "Todas as piadas têm uma vítima. É essa a definição de piada. Numa sociedade verdadeiramente livre devemos poder fazê-la sobre tudo".

Rowan Atkinson está casado pela segunda vez e tem três filhos, sendo dois do primeiro casamento. Além do sucesso de seus filmes, chegou a ser considerado um dos atores mais bem pagos do mundo, em 2020, é um empresário muito bem sucedido, dono de restaurantes, grife de roupas, de perfumes, entre outros negócios milionários.



COLUNA DO

BURRO



Após a entrevista na Revista Bulunga nº 3, que deu uma enorme repercussão na mídia, fui contratado para tecer impressões acerca dos costumes dos seres humanos, com os quais esta minha espécie convive há séculos numa relação quase simbiótica, mas que bem poderia ser qualificada como parasitismo (pelo lado humano).

Os humanos são estranhos. Insistem em dizer que os Burros são burros, mas não param para pensar que esses não fazem política nem se utilizam de advogados, e isso já demonstra a superioridade da espécie sobre a raça humana, que insiste em querer dominar o planeta, subjugando todos os seres vivos ao seu nefasto prazer consumista que não encontra limites, e que leva à total destruição do planeta.

Imaginem que uma simples troca de dedos pode causar sérios problemas entre os humanos: mostrar o dedo polegar para

as pessoas é um bom sinal, mas se este for trocado pelo dedo do meio, o caldo pode engrossar. O que importa um dedo ou outro? Para os humanos, importa.

Essa mania que tem os humanos de se submeterem a procedimentos estéticos que na grande maioria das vezes só pioram a aparência das pessoas, tornando-as ainda mais velhas. Depois da epidemia dos botox, dos preenchimentos com ácido hialurônico e dos liftins, surgiu a moda da demonização facial, que deixa as pessoas com a cara do “Máscara”, daquele filme estrelado pelo Jim Carrey.

A personagem mais icônica é apelidada “Gretchen”, que desenvolveu a habilidade de cantar pelo bumbum, mas outras exemplares já estão fazendo parte desta galeria dos horrores, como a cantora Joelma e a novata Luíza Sonza, que, juntas, parecem ser trigêmeas.

Mas este fenômeno não acontece apenas entre o sexo feminino: entre os homens, temos o ator Dedé Santana, o Padre Fábio de Melo e o cantor sertanejo Eduardo Costa, que parecem ter usado a mesmíssima fórmula para aterrorizarem as criancinhas.

Outra coisa que nos impressiona, é que os candidatos a cargos políticos mentem, e ainda assim os eleitores se veem na obrigação de votar neles, sob o entendimento de que é melhor escolher o menos pior, semelhantemente à vítima que deve agradecer ao seu agressor por estuprar mas não matar. Inacreditável como o povo consegue acreditar que os políticos por eles escolhidos farão alguma coisa em seu benefício. É claro que não! Mas ainda assim votam, fazem coro em passeatas, usam camisetas e bandeiras em apoio ao governo ou à oposição, E os caras nem aí. Ah, como os seres humanos são... humanos!

LIBERTE SEU TALENTO
no Núcleo de Estudos Teatrais

Inscrições pelo WhatsApp (31)98025.1010, pelo telefone (31)3222.1010, no site “www.teatrodonet.com.br”, ou diretamente na Secretaria da escola, na Rua Timbiras, 1605 - Belo Horizonte - MG



TÊDIO

Eu não sei quantas horas se passaram desde que o momento que acordei. Havia dormido mal, se é que dormi. Lembro-me de ter olhado o relógio quando eram 3h55m. Depois não consegui dormir mais. Normalmente acordo às 6 e sempre durmo por volta da meia-noite. É o suficiente. Os médicos dizem que não, que é preciso dormir 8 horas, mas nunca consegui. Fico pensando nas coisas que tenho que fazer no outro dia.

Mas hoje é domingo e não tenho nada planejado. Não tenho cachorro para levar na rua, não tenho que esperar que ele fique fuçando o defecos dos outros cachorros, para depois se inspirarem e fazerem o mesmo. Tive um cachorrinho que ficava dando voltas, ia para lá e para cá, até que se ajeitava e soltava os seus Chokitos. Para quem não sabe, Chokito era um doce com chocolate e flocos de arroz por fora e por dentro havia alguma coisa misturada com doce de leite. Eu comia muito desse doce quando era criança, mas agora, comparando com o que os cachorros fazem, não consigo mais.

Devo almoçar no restaurante da esquina, assim como faço todos os domingos. A comida de lá é

ruim, mas como assim mesmo. Tudo na vida tem o seu preço. Almoço lá como se estivesse pagando uma penitência, apesar de não acreditar nessas coisas. Para falar a verdade, não andava acreditando em nada, nas pessoas, em religiões, na política, na previsão do tempo. A vida havia se tornado um tédio e eu não tinha ideia de como sair dessa situação.

Não era depressão o que sentia. Pelo menos, achava que não. Conheci várias pessoas deprimidas que queriam se matar, que se afogavam no álcool, usavam drogas pesadas ou remédios para dormir. Eu não pensava assim. Queria apenas que o dia acabasse. E que os outros dias também. É diferente de morrer. Morrer é algo muito definitivo. Uma tela preta permanente. Uns dizem que existe o céu, tudo cheio de nuvens brancas. Dá na mesma. Tela preta ou tela branca. Não era o que eu queria.

Conheci uma mulher triste. Acho que ela, sim, era deprimida. Tinha umas cicatrizes estranhas no pulso e acredito que tentou alguma coisa com uma navalha ou qualquer outro objeto cortante. De qualquer maneira não deu certo e ela ficou com aquelas marcas. Podia fazer umas tatuagens, mas

acho que ainda assim continuaria esquisito. Fazíamos sexo e depois ela fumava um cigarro. Nada de comentários. Nada, nenhuma palavra. Apenas o cigarro. Depois ela ia embora e eu arrumava a cama.

Não sei quanto tempo durou, mas um dia ela sumiu. Pensei que finalmente havia conseguido se matar, mas alguns anos depois vi sua foto nas redes sociais. Ela estava muito gorda e carregava uma criança no colo. Nunca gostei de mulheres gordas. Elas choram muito, provavelmente porque são gordas, mas se fossem magras chorariam do mesmo jeito. As mulheres são muito complicadas.

Eu tive um emprego. Era um emprego burocrático e tudo se resumia a preencher umas fichas, durante todo o dia, todos os dias da semana, do mês e do ano. Fiquei três anos e seis meses naquele emprego. Os meus colegas fingiam que trabalhavam e acabei por ficar que nem eles. Alguns montavam uma barricada de pastas e livros em suas mesas e se escondiam por trás daquilo, enquanto folheavam revistas pornográficas. Naquele tempo não existia internet, smartphone, tablets, e os caras tinham que se contentar com as revistas. Elas passavam de mão em mão, sendo que ao final ficava difícil descolar as páginas. Aquilo era nojento, mas era a única forma de se extravasarem. Era como uma panela de pressão prestes a explodir a qualquer momento. Tédio, hormônios, frustrações. A vida era difícil.

Quando saí desse emprego, fiquei vagando pelas ruas, observando as vitrines, olhando para as pessoas que iam e vinham, de um ponto para outro, sem um objetivo muito específico. Na verdade, as pessoas inventam afazeres e rotinas para não enlouquecerem. Imagine todo mundo reunido nas cidades grandes, todos ao mesmo tempo em busca de comida e sexo. É por isso que a sociedade estabelece uma cota miserável para a maioria, enquanto um pequeno grupo privilegiado deita e rola. Isso acontece tanto no capitalismo quanto no socialismo, ou até na monarquia. Ser rei deve ser muito legal. Ficar lá naquele trono vendo a barriga crescer, poder comer o que quiser e quem quiser, e mandar cortar umas cabeças quando encherem o seu saco. Ou talvez isso seja tão chato quanto a vida dos demais mortais.

Acontece que um dia a minha vida teve uma reviravolta. Devia ser umas dez da noite e eu estava sentado num banco na rua, à espera de um ônibus, quando sentou-se ao meu lado um homem moreno, roupas velhas e um cheiro forte de suor. Ele parecia inquieto e cheguei a pensar que iria me assaltar. Logo apareceu outro homem, esse melhor vestido, com um blazer bege e ostentava alguns colares e pulseiras de ouro, ou que pareciam ser. Eu me distraí olhando para o nada e assustei-me quando ouvi um estampido. O homem ao meu lado tombou a cabeça no meu ombro e rapidamente vi que o outro saiu andando tranquilamente, com um revólver na mão. Começou a sair um filete de sangue da boca do que estava com a cabeça em meu ombro e deduzi que estava morto.

LaundrySpeed service

NOS CUIDAMOS DAS SUAS ROUPAS PARA VC!

- Lavagem de roupas em geral
- Passadoria
- Remoção de manchas
- Limpeza de tapetes, tenis, cortinas, redes e outros
- Lavanderia Self-Serviço

Mão de obra qualificada, produtos de qualidade e equipamentos modernos a sua disposição!

Av. Aggeu Pio Sobrinho, 394 - Loja 16
Buritis, Belo Horizonte - MG, 30575-834
SEG a SEX - 09:00 as 18:00 | SAB - 09:00 as 13:00
Em frente ao supermercado Dia.

(31) 3374 - 7281
(31) 98902-9482

Levantei-me rapidamente e o morto bateu a cabeça no banco, com um barulho seco e forte mas já não importava, considerando que estava mesmo morto, mas se não estivesse, teria morrido naquele instante, ou teria doído muito. Fiquei sem reação e logo juntaram algumas pessoas. Não demorou e o carro da polícia apontou na esquina. Foi aí que percebi que a minha camisa branca estava toda suja de sangue. E eu ali, desempregado, sem documentos, apenas o dinheiro para pagar a passagem, e assim resolvi correr. Não me perguntem por que fiz isso, mas foi uma reação automática. A polícia partiu atrás. Corri muito, mais do que eu imaginaria ser capaz, e confesso que se estivesse disputando uma olimpíada, certamente, ganharia uma medalha de ouro.

Consegui despistar os policiais, mas não foi possível tirar aquele cheiro de ferrugem que o sangue tem, e que agora estava impregnado pelo resto da vida em minha mente. O meu coração batia freneticamente e parecia que o líquido ferruginoso que circulava em minhas veias fervia a 90 graus. Há muito tempo não me sentia assim. Medo. Adrenalina. Esfíncter pulsando. Minha vida haveria de mudar radicalmente a partir daquele dia.

por Nigel Jump



FILOSOFIA PURA

Os filósofos do passado ficavam contemplando o tempo e desenvolviam as mais improváveis teorias acerca do tudo ou do nada. Um deles, **René Descartes**, chegou à conclusão de que “penso, logo existo”. O termo original seria “Cogito, ergo sum”, que significaria “penso, portanto sou”. Nada mais lógico. Ou não: ele também poderia pensar o contrário. O simples fato de pensar comprovaria a sua condição pensativa, mas o pensar na “não existência”, no “não sou”, tornaria nula a sua capacidade reflexiva.

O homem é o lobo do homem”. Quem disse isso foi **Thomas Hobbes**, autor do clássico “Leviatã”, baseado na frase original do romano **Plautus** (254-184 a.C.), que originalmente seria “Lupus est homo homini, non homo, quom qualis sit non novit”, que, traduzido, significaria “Um homem para outro é como um lobo e não um homem, quando ele não sabe de que tipo ele é”. Se substituíssemos o lobo por qualquer outra espécie, um coelho, um ornitorrinco ou uma rena, tornaria a teoria extremamente complexa, pois não teríamos mais homem ou lobo, mas a nova espécie escolhida, que não seria nem um nem outro.

Henry Thoreau sustentava que “Felicidade é como uma borboleta: quanto mais você tenta apanhá-la, mais ela se afasta de você. Mas se você dirigir sua atenção para outras coisas, ela virá e pousará suavemente no seu ombro”. Isso porque ele não tentou usar uma rede, dessas que são vendidas em casas de pescaria. Assim, pegaria facilmente a borboleta. Mas não a felicidade.

Nietzsche já dizia que “Aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música”. Ele disse isso porque naquele tempo não haviam sido inventados os fones de ouvido bluetooth.

De acordo com **Bertrand Russel**, “A ciência é o que você sabe. A filosofia é o que você não sabe”. Depende: estudei as duas matérias no ensino médio e não aprendi nada sobre ambas.

Kirkegaard afirmou, certa vez, que “A vida só pode ser compreendida, olhando-se para trás; mas só pode ser vivida, olhando-se para frente”. Contudo, este pensamento não se aplica a um Curupira.

“O inferno são os outros”, disse **Jean Paul Sartre**. Concordo. Já morei em lugares onde os vizinhos eram terríveis.

“Só sei que nada sei”. Célebre frase falada por **Sócrates**. Se ele não sabe, muito menos eu.

“Fazer troça da filosofia, é, na verdade, filosofar”- **Blaise Pascal**. Essa foi a melhor de todas.

Detesto pastores que gritam. Eles começam falando mansinho, geralmente fazem alguma piadinha manjada, e de repente passam a berrar, como se os seus ouvintes fossem surdos. Ao final, voltam a falar mansinho, ao som de um teclado. Alguns pedem dinheiro nessa hora. Outros, pedem antes. É uma técnica. Os mais novos veem essas coisas e passam a imitar.

E tem também os louvores: geralmente, o som é no último volume, quase estourando as caixas acústicas e os tímpanos dos presentes. Pura falta de educação. Para completar, os cantores desafinados. Tem gente que diz que isso não importa, pois é para Deus. Penso que não é bem assim: a Bíblia nos mostra que Deus gosta de capricho. Orientava sobre a construção dos templos, os detalhes das cores das cortinas e das roupas, os melhores tecidos, as pedrarias, escolhia o cordeiro sem defeito para o sacrifício. Chegou a recusar a oferta de Caim, que não foi preparada com carinho.

Pastores adoram mandar: “fale isso, fale aquilo, repita comigo, senta, levanta, senta, levanta, senta, levanta. Cumprimente a pessoa que está ao lado. Dê um abraço nela”. Não conheço um só trecho da Bíblia que comprove a eficácia desses comandos.

Jesus era contrário a excessos. Falava para, quando quisermos orar, nos fecharmos em nosso quarto, que Deus nos ouvirá. Até prescreveu um modelo bem simples de oração. E disse que, ao jejuarmos, não devemos ficar fazendo caras e bocas, em pé, nas esquinas, para que todos vejam nossas expressões de sofrimento. E nos orientou a não ficarmos repetindo todo o tempo a mesma coisa.

E ainda tem a questão dos milagres. Milagres acontecem e acredito muito nisso, pois já presenciei vários. Mas do jeito que algumas igrejas fazem, aí já beira o ridículo. Eu disse algumas, não todas. Atores de quinta categoria são contratados para fazerem papel de possuídos, de paráliticos ou portadores de algum tipo de aleijão, e toda semana estão lá, e nem se preocupam em mudar a roupa, o corte de cabelo, não usam um boné, óculos escuros, para se disfarçarem, e os fiéis nem se dão conta disso.

Também detesto pregação de padres naquele tom monocórdio. Dá vontade de dormir. Fica um “bzzz bzzz bzzz” no ouvido e a gente só acorda quando tem que ler os trechinhos nos folhetos que eles distribuem. E é sempre a mesma coisa, em todas as missas. O mais incrível é que ninguém decora aquilo, ou melhor, alguns decoram, mas fingem que estão lendo o tal folheto, senão pega mal.

E os padres distribuem a hóstia, mas não o vinho. Eles bebem o vinho em um cálice bonito, que parece ser de ouro, e os fiéis só ficam olhando. Pela cara que

fazem, deve ser do bom. Importado. Não deve ser “Sangue de Boi” ou “Chapinha”. Jesus nos instruiu a partilharmos o pão e o vinho, em memória Dele. Não falou em suco de uva. As igrejas evangélicas substituem o vinho pelo suco de uva, com medo das pessoas se embriedarem. Tanto no Velho quanto no Novo Testamento, as pessoas bebiam vinho. Mas é errado se embriagar. Também é errado comer demais. O mesmo vale para o sexo, senão vira doença.

Tudo em excesso faz mal. Até água faz mal. Se você beber água em demasia, pode morrer afogado. Acho que já disse isso antes.

O problema é que muita gente não vai em igreja em busca de salvação, mas apenas de cura. Muitos crentes não acreditam na vida eterna. Só pensam no aqui e no agora. Mas muitos estão dispostos a pagarem promessas, a acenderem uma ou mais velas, a esfolarem os joelhos subindo escadarias, ou andarem muitos quilômetros até o pé sangrar, certos de que, com isso, o milagre está pago.

Reconheço que algumas críticas não devem ser feitas, assim como no episódio ocorrido no dia de Pentecostes (Atos dos Apóstolos, 2:1-15), em que aproximadamente cento e vinte pessoas, na presença dos Apóstolos, de Maria, mãe de Jesus, e dos outros irmãos dele, quando todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em línguas estrangeiras, e as pessoas zombavam que estariam bêbados.

A zombaria pode ser um perigo, pois podemos blasfemar. E não se pode blasfemar contra o Espírito Santo (Marcos 3:29), pois Ele é a manifestação de Deus em nós. Por isso, devemos ter cuidado. Não faço críticas com o propósito de afastar as pessoas das igrejas, mas alerta para que se associem às melhores. Igreja é uma reunião de pessoas, pela ação do Espírito Santo, em torno dos ensinamentos de Jesus Cristo, pela mesma fé em Deus, independente do templo, da edificação. Ainda assim, aconselho que frequentem os melhores templos e que estudem a mais pura palavra, observadas as leis morais, que superam as cerimoniais e as civis. Contudo, se não houvesse a crítica, não haveria a Reforma Protestante com Lutero, Calvino e Armínio. Mas, mesmo esses, incorreram em erros, e algumas igrejas reformistas adotaram, com o tempo, falhas idênticas às praticadas pela igreja romana, e assim o homem deve aprender a não se deixar levar pelo homem, mas pela palavra de Deus, que é depositada pelo Espírito Santo em cada um de nós. Homens podem ser uma referência, mas não devem ser adorados, idolatrados, e isso vale para pastor, padre, bispo, apóstolo, reverendo, papa, ministro, seja lá qual nome for dado ao representante religioso. E eu não gosto de pastores que gritam e padres que nos fazem dormir em suas pregações. Ponto final.

TRIBUNAL DO CAOS

por Guido Malaparte

Li, certa vez, alhures, que durante muitos séculos havia leis para animais que cometiam crimes. Eles eram acusados formalmente, tinham direito ao advogado de defesa, a um tribunal regular com júri e todo o aparato legal. Podiam ser absolvidos ou não. Cumpriam penas de trabalhos forçados, exílio, ou eram sumariamente condenados à morte, caso não fossem abatidos antes de indiciados, para o almoço dominical ou aquela festa de noivado na vila. Isto acontecia pelo fato de se acreditar que eram seres moralmente responsáveis por seus atos. A base seria, supostamente, um versículo bíblico: “E se algum boi escorpear homem ou mulher, que morra, o boi será apedrejado certamente, e a sua carne não se comerá; mas o dono do boi será absolvido.” (Êxodos, 21:28).

Ora, o versículo não endossa qualquer responsabilidade moral dos animais, mas pune, de maneira menos severa, o proprietário do animal, na forma de prejuízo financeiro. Se observarmos que a sociedade judaica àquela época era essencialmente agrícola e pecuária, e de que não eram muitas as famílias que dispunham de gado, a perda de um animal, cuja carne sequer seria comida, muito menos comercializada, era uma significativa punição ou sanção... Pesava no bolso de qualquer um. Em outras palavras, a pena era ao proprietário, que haveria de sofrer o dano financeiro, ao perder parte dos seus



bens. A comprovação a esse argumento reside no verso seguinte, 29, que diz: “Mas se o boi dantes era escorneador, e o seu dono foi conhecedor disso, e não o guardou, matando homem ou mulher, o boi será apedrejado, e também o seu dono morrerá.”.

No primeiro caso, o dono do animal foi penalizado de forma proporcional a sua responsabilidade, mas ainda assim culpado do dano acarretado pelo animal, por isso, perderia o seu bem. No segundo, o grau de responsabilidade é muito maior, já que sabia dos antecedentes da besta, e mesmo assim não tomou providências capaz de impedi-la de matar alguém.

Por isso, tornava-se responsável direto pelo assassinio e deveria pagar com a própria vida. Em nenhum desses pontos existe qualquer indicação bíblica sobre responsabilidade moral dos animais; a responsabilidade era, e é, sempre humana. Houve, sim, uma deturpação, uma má interpretação do texto sagrado, provavelmente a fim de eximir os donos de eventuais penas decorrentes de suas negligências (culpa) ou de incitação ou provocação à violência (dolo). Neste caso, o proprietário assumiria o risco de matar, ao não criar meios de impedir o animal (em último caso, a “arma” ou objeto mortal) de provocá-la; o agente sempre seria o dono, e o animal o instrumento de execução. O mesmo se dá quando um motorista bêbado atropela um pedestre ou colide com outro carro. Ou o dono de cães ferozes, ao permitir que andem soltos, sem qualquer tipo de contenção.

Em 1386, um inofensivo porquinho foi condenado à força por infanticídio. Deixou de ser assado, e fatias suculentas de bacon não deliciaram os paladares, por conta dos exageros da lei, a fim de encobrir as mutretas e artimanhas dos verdadeiros culpados. Provavelmente, estava chafurdando a lama em lugar e horas errados,





quando esbarrou, por acidente, em um bebê negligenciado pelos pais. E tornou-se o “bode expiatório” da indiligência parental e da trapaça jurídica.

Hoje, milhões de bebês são sumariamente executados, mundo afora, pelo egoísmo, arrogância e barbaridade de pais, mães, legisladores e juristas. Abortos são praticados tão futilmente quanto mulheres (e alguns homens) vão à pedicure tirar cutículas. Filhos são lançados à rua, mendigando e se prostituindo, porque não têm quem os proteja e sustente. Enquanto isso, as autoridades, ong's, associações e fundações (não me esqueci de algumas igrejas, mas isto será assunto para uma próxima vez) gastam seus recursos em propaganda e doutrinação supérflua, fomentando ainda mais a desestruturação, o caos normativo e o proselitismo social; tudo para que o controle das massas esteja cada vez mais centralizado em poucas mãos. Se ainda fossem os porcos do séc. XIV...

Sem falar no sem-número de criminosos absolvidos por tribunais, por algum erro de processo ou simplesmente a deturpação interpretativa da lei. Não raros são os casos em que as provas contra esses bandidos se avolumam até o teto de galpões e salas. Com isso, tornou-se desnecessário o bode expiatório, de alguém que assuma a culpa. Basta tão somente que o til da lei seja trocado de lugar para a avalanche de delitos ser jogada debaixo do tapete, e os réus não sejam julgados.

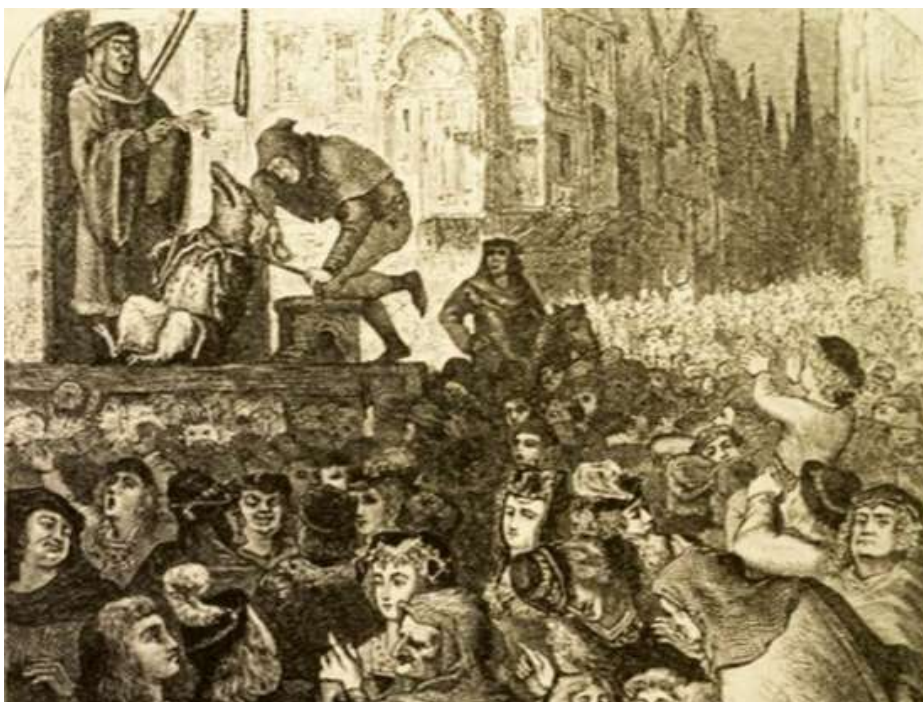
Na verdade, eles não são absolvidos, não se tornam inocentes, são criminosos sem penas, cujas lides não vão adiante, não chegam às vias finais do juízo, por meros artifícios, gerados sabe-se lá por qual motivo, mas sempre a beneficiar o transgressor, através do “monstro” gigantesco criado pelos “cientistas loucos” do congresso, assembleias e câmaras espalhadas pelo país e tribunais afora. Entretanto, a mídia se tornou no mais ilustre dos tribunais. Sem precisar de toga, diplo-



ma, títulos ou indicações. Sistemáticamente, editores, jornalistas e redatores absolvem ou condenam publicamente esse ou aquele indivíduo segundo critérios ainda menos legais (não no sentido da legislação, mas extrajudicial, à base de conveniências e interesses de ordem pessoal ou orgânica, partidária ou ideológica). Sem generalizações, boa parte assumiu a tietagem, ao ignorar evidências e fatos sobejamente comprovados, para divagarem sobre o sexo dos anjos, a respeito de seus ícones, quase um fetiche. Para os desafetos, os fatos também nada significam, apenas o espantinho dos seus mais obscuros pesadelos; e haja reputações a se assassinar...

Se olhamos para o sec. XIV, achamos esquisito e absurdo o tribunal de animais; no futuro, alguém a olhar para o sec. XXI se deparará com algo ainda mais insólito: o incontável faz-de-contas, onde uns e outros se misturam em suas loucuras particulares e diatribes coletivas.

Quanto ao cadafalso e aquele porquinho prestes a debater-se na corda esticada, é apenas mais uma história dos diletantes e seus blindados, enquanto dizem querer paz, entre pétalas brancas de rosas soltas no ar, e os planos de guerra bem presos debaixo dos braços.



MOBA – MUSEUM OF BAD ART

Se você se deparou com um quadro ou escultura cuja sensação de feiura imediata eriçou os pelos do seu corpo, e ao torcer a boca, quis afastar-se o mais rapidamente possível; e se teve noites e noites de transtorno, entre pesadelos e delírios febris, saberá do que falarei a seguir.



Dizem que tudo pode se tornar em arte... E para isto, não faltam exemplos de grafiteiros, pichadores e artistas como Duchamp e Pollock, por exemplo, para validar o dito. Mas, convenhamos, existem coisas tão somente apelativas, outras de extremo mal gosto, e ainda aquelas criadas sob a supervisão do capeta.



Contudo, sempre haverá alguém, um “iluminado”, a empenhar-se à exaustão, a fim de encontrar um sentido oculto em meio a rabiscos desconexos ou manchas aleatoriamente dispostas em uma tela. Para mim, isso nada mais é do que psicose, e tenho dito!

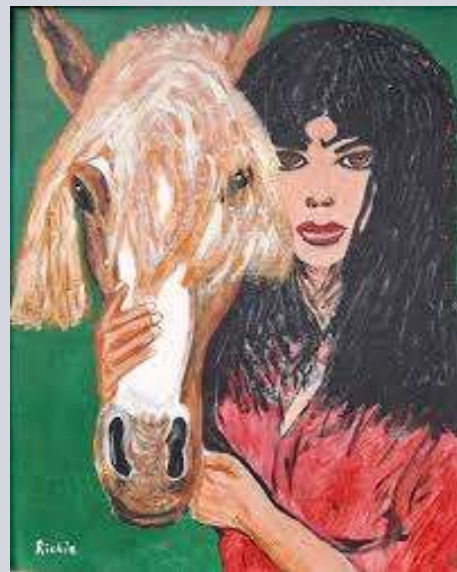
Então, não foi difícil descobrir, nas proximidades de Boston, EUA, o MOBA (Museum of Bad Art, algo do tipo “museu de arte ruim”), onde estão expostos os quadros mais feios e medonhos já produzidos. Contendo duas galerias fixas (uma em Dedham e outra em Somerville) e mais de 800 obras (a maioria recolhida em depósitos de lixo), o objetivo dos seus criadores, Jerry Reilly e sua esposa Marie Jackson, é propagar, para a mais ampla audiência, o pior da arte contemporânea, com o slogan: “arte ruim demais para ser ignorada”.



Como se não bastasse, o lugar recebe mensalmente a visitação de 700 pessoas, em média, e faz parte de vários guias turísticos da cidade.



Tudo começou com o amigo de Jerry, Scott Wilson, ao se deparar com um quadro em uma lixeira da cidade, em 1994. A obra intitulada “Lucy in The Sky With Flowers”, persiste em ser até hoje a pior de toda a coleção (dizem que ninguém fica impune ao vê-la).



Scott mostrou o trabalho para Jerry que a partir de então se tornou voraz colecionador de arte feia. E tem quem goste. Fazer o quê...



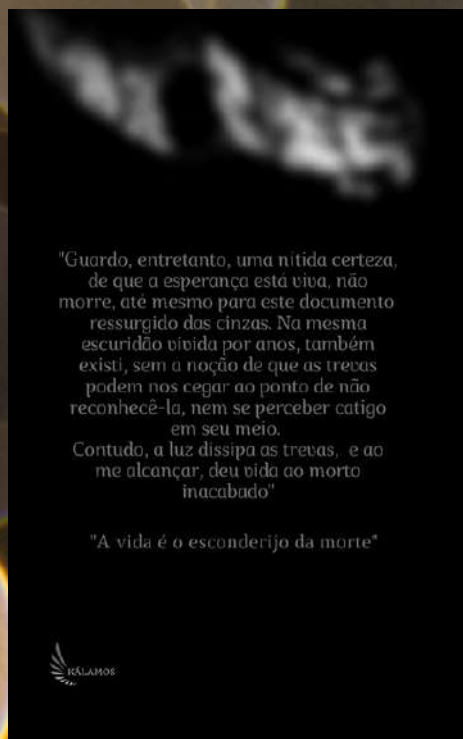
Se não pode ou não quer viajar a Boston, faça uma visitação online (www.block-museum.com), caso tenha coragem, e aterrorize-se com a pior arte produzida pelos piores artistas da história. E lembre-se: neste caso, não vale aplausos, mas uma sonora vaia!

by **Clodokill Fernandes**

TÍTULOS À VENDA

acesse www.kalamos.com.br

A DISTRAÇÃO DO PECADO



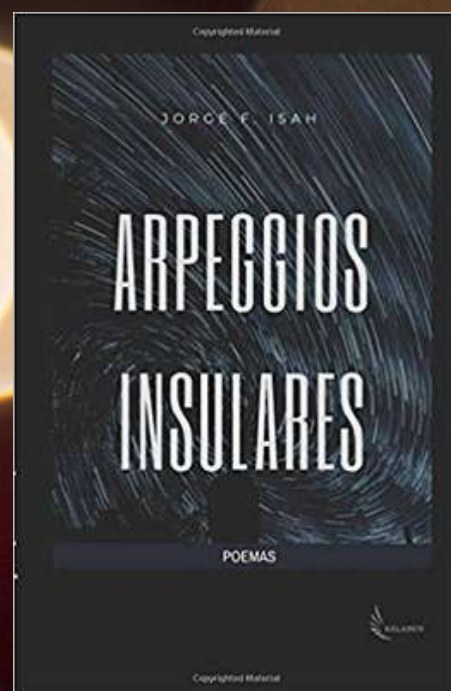
ESCONDERIJO DE DIAS INTANGÍVEIS

JORGE F. ISAH



JORGE F. ISAH

A VIGA OCA SOB O TETO



www.kalamoseditora.com.br

PIADAS CLÁSSICAS

O coelhinho felpudo estava fazendo suas necessidades matinais e, quando olha para o lado, vê um enorme urso fazendo o mesmo. O urso se vira para ele e diz: -Ei, coelhinho, você não se incomoda de ficar com seus pêlos sujos de cocô? O coelhinho respondeu: - Não, isso é normal. Então o urso pegou o coelhinho e se limpou com ele. MORAL DA ESTÓRIA: 'Cuidado com as respostas precipitadas...

Já era madrugada quando o bêbado começa a gritar em frente à janela: - "Alguém pode me ajudar a empurrar? Alguém pode me ajudar a empurrar"? O dono da casa grita lá de dentro: - "Eu não te conheço, são 4 horas da manhã, e você me acorda desse jeito? Aaahhh... Vá te catar"! E ele volta pra cama. Sua mulher, que também acordou, não gosta da atitude do marido: - "Você exagerou. Você já ficou sem bateria antes, e bem que poderia ajudar esse coitado". - "Mas ele está bêbado" - argumenta o marido. - "Mais um motivo pra ajudá-lo!" - insiste a mulher - "Ele não vai conseguir sozinho. Você que sempre foi tão prestativo"... Tomado por remorsos, o marido se veste e vai para a rua. Procura o bêbado dizendo: - Hei, cara, vou te ajudar! Cadê o seu carro? E o bêbado: - "Não tem carro não: tô aqui, no balanço do jardim: empurra pra mim"?

Num concurso de morcegos, estavam fazendo uma disputa para ver quem era melhor para chupar sangue. Chega o primeiro, com a boca cheia e sangue, babando mesmo, entra e diz: - "Tá vendo aquela galinha morta ali? Fui eu"! Chega o segundo, com a barriga tão cheia de sangue que quase não conseguia voar, entra e diz: - "Tá vendo aquela vaca morta ali? Fui eu"! Chega o terceiro, totalmente ensanguentado dos pés à cabeça, os outros morcegos olham para ele e começam a gritar "já ganhou! já ganhou"! Então ele diz: - "Tá vendo aquele muro ali? Pois eu não vi"...

Desconfiado da fidelidade da sua mulher, o marido resolveu contratar um detetive particular. Deu a dica de um motel onde ela poderia estar e mandou o detetive ficar de olho para dar o flagrante: - "Não deixe a cretina escapar, que eu estou de olho lá na esquina"! O homem ficou na expectativa por mais de uma hora. De repente, vê o detetive dando a maior surra numa mulher. - "Espera aí! Ficou maluco? Essa não é a minha mulher"! - "Mas é a minha"! - berrou o detetive

Pergunta: O que você precisa fazer imediatamente quando vê um advogado enterrado até o pescoço no concreto? Resposta: colocar mais concreto.

Próximo ao natal, Joãozinho resolveu escrever uma carta pro papai Noel, pedindo uma bicicleta.

- Papai Noel, fui um ótimo garoto este ano, ajudei meu pai, minha mãe e até meu irmãozinho: quero uma bicicleta.

Então parou e pensou: "ele não vai acreditar. Vou refazer a carta".

- Papai Noel, sei que não fui muito bom este ano, mas acho que ainda mereço uma bicicleta.

Não satisfeito, ele joga a carta fora, vai ate o presépio, pega a imagem de Maria, coloca dentro do sapato e escreve a seguinte carta:

- Jesus, estou com sua mãe: se quiser vê-la inteira de novo, mande o papai Noel me dar uma bicicleta.

A professora de biologia dizia para a turma que era fisicamente impossível que uma baleia engula um ser humano, porque, apesar de ser um mamífero muito grande, a sua garganta é muito pequena. A menina afirmou que Jonas, da Bíblia, foi engolido por uma baleia. Irritada, a professora repetiu que uma baleia não poderia engolir nenhum ser humano; que era fisicamente impossível. A menina então disse: - "Quando eu morrer e for ao céu, vou perguntar para o Jonas". A professora lhe perguntou, irônica: - "E o que vai acontecer se Jonas estiver no inferno"? A menina respondeu: - "Então é a senhora que vai lhe perguntar pessoalmente".

O freguês grita para o atendente: - Garçom, tem um cabelo na minha feijoada!!! - "Ah, o senhor me desculpe, é do saco do Feijão"... responde o garçom - "Tudo bem, então", e o homem voltou a comer. Passado um tempo, o freguês gritou, novamente: - "Garçom, tem outro cabelo na minha feijoada". - "Ah, meu senhor, me desculpe novamente: é do saco do Feijão"... Não demorou muito, o freguês volta a chamar: - "Garçom, assim já é demais: tem um monte de cabelo na minha feijoada"!!! - "Tudo bem, senhor, vou mandar o cozinheiro trocar o seu prato: ô Feijão, vem aqui trocar o prato do cavalheiro"!!!

Você sabe como salvar um político de um afogamento? Não? Ótimo!

Na escola, o garotinho está chorando e a professora diz: - Não chore, menino! Criança que chora muito, quando cresce, acaba ficando feia. -Então a professora chorava muito quando era pequena?

O sujeito entra numa loja onde há um cartaz: "CUIDADO COM O CÃO". Logo à frente dá pra ver um cachorrinho minúsculo, com uma cara de manso, deitado no chão, ao lado do caixa. - "Ei - exclama o sujeito - é esse aí o cachorro com o qual eu tenho que tomar cuidado"? - "É este mesmo" - responde o caixa. - "Mas ele não parece nem um pouco perigoso. Por que o senhor pôs este cartaz"? - perguntou o sujeito. O caixa explica: - "Porque antes de colocar o cartaz, todo mundo pisava nele".